

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ORALIDADE X ESCRITA:
UM CASO NA FASE DE ALFABETIZAÇÃO

Onília Maria de Lima Machado
VIII SEMESTRE

37:81/12
77149.8
Ex 1
C92569538

BIBLIOTECA	
UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N°	62 86
Data	26/07/01

PONTES E LACERDA, MT – JULHO / 2001

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

ORALIDADE X ESCRITA:
UM CASO NA FASE DE ALFABETIZAÇÃO

**Ensaio Monográfico apresentado para conclusão
de Licenciatura Plena em Letras – UNEMAT –
Campus Universitário de Pontes e Lacerda.**

Orientadora: Cleunice Maria de Andrade Silva.

PONTES E LACERDA, MT – JULHO / 2001

ENSINAR
É UM EXERCÍCIO
DE IMORTALIDADE.
DE ALGUMA FORMA
CONTINUAMOS A VIVER
NAQUELES CUJOS OLHOS
APRENDERAM A VER O MUNDO
PELA MAGIA DA NOSSA PALAVRA.
O PROFESSOR, ASSIM, NÃO MORRE
JAMAIS...

(Rubem Alves)

AGRADEÇO

A

DEUS,

PELA PRESENÇA

CONSTANTE EM

MINHA VIDA,

DANDO-ME

CORAGEM

E FORÇAS

PARA

FINALIZAR

MAIS UMA

ETAPA.

DEDICATÓRIA

- Aos meus pais José Franco e Dinorah de Lurdes, por terem-me ensinado os primeiros passos da vida.
- As minhas filhas, Tatiane e Eliane que proporcionaram-me o prazer de ouvir a palavra **MÃE**.
- Ao meu esposo, Jesus Adriano, pela tolerância das minhas ausências.
- A minha irmã Maria Aparecida, que cuidou de minhas filhas, nos momentos que eu mais precisei.
- Aos meus professores da UNEMAT, em especial a Cleunice Maria, que teve toda a paciência nessa longa caminhada e mostrou-me que o conhecimento está ao alcance de todos, basta querermos.
- Aos meus amigos Odair, Cida, Iracema, Nadir, Sônia, Eliane, Vilma e Aparecido, que através de gestos carinhosos, têm mostrado suas amizades, e isso me faz muito feliz, porque amizade é sinônimo de amor.
- Aos meus colegas de sala pela humildade e companheirismo, principalmente à Vera que ouvia meus desabafos.
- Aos todos os funcionários desta Entidade, em especial, às meninas da biblioteca, que incentivaram-me, dando forças para que eu conseguisse concluir meus estudos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
SISTEMATIZAÇÃO	08
FUNDAMENTOS TEÓRICOS	09
A ANÁLISE	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
BIBLIOGRAFIA	23
ANEXOS	25
ANEXO 1	26
ANEXO 2	27
ANEXO 3	28
ANEXO 4	29-30
ANEXO 5	31-34
ANEXO 6	35-38

APRESENTAÇÃO

Partimos do tema: A Oralidade X Escrita: Um caso na fase de alfabetização, isto porque, desde a época do Magistério, sentimos um certo incômodo diante das dificuldades encontradas para desenvolver o processo da escrita, nesta fase.

Nosso objetivo é verificar diretamente como ocorre o processo de aquisição da escrita, nos alunos na referida fase. Para isso, realizamos uma entrevista com as professoras e observamos as produções escritas dos alunos.

De posse do material, procuramos o apoio teórico de estudiosos, que desenvolvem suas pesquisas sobre a aquisição da escrita, entre eles citamos: Jaqueline Moll, Ângela Kleiman, Luiz Carlos Cagliari, Miriam Lemle e outros.

Creemos que os resultados constatados auxiliarão as pessoas interessadas no conhecimento desta problemática.

O trabalho está assim organizado: sistematização dos dados, a visão dos teóricos sobre o assunto pesquisado, a comparação entre a teoria e a prática, as considerações finais, a bibliografia e por último, o material que serviu-nos como *corpus* para a realização deste.

Apesar das entrevistas estarem digitadas, as mesmas são transcrições dos textos originais

SISTEMATIZAÇÃO

Para entendermos melhor a questão do processo da aquisição da escrita no período da alfabetização, optamos por descrever algumas das características mais gerais, que segundo alguns estudiosos, influenciam na relação oralidade X escrita.

Para tanto decidimos fazer entrevistas com três professoras, sendo que duas delas atuam em escolas municipais e a outra numa escola estadual na cidade de Pontes e Lacerda. Todas elas trabalham com crianças na fase de Alfabetização. A escolha das referidas escolas, em nossa pesquisa, não foi para avaliar qual desempenha melhor o trabalho, mas sim, para termos uma visão geral do entendimento das professoras sobre o tema em questão. Não identificaremos as professoras, porque isso não vem ao caso. As professoras que gentilmente colaboraram para com a análise, serão identificadas apenas pelas letras: A, B e C, sendo que duas delas estão cursando a graduação e a outra concluiu o Ensino Médio.

Utilizaremos os textos de alunos das referidas professoras e também as respostas obtidas através das entrevistas como anexos deste trabalho. Os textos dos alunos tanto são escritos como pictóricos.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Como temos o objetivo de verificar se a oralidade da criança, no início do processo da alfabetização interfere na escrita, faz-se necessário abordar alguns conceitos teóricos que usaremos para a análise do trabalho em questão.

Sabe-se que o homem desde a época das cavernas procura dominar o mundo em que vive, assim sendo ele vive em permanentes situações de desafios. Estes chegaram até ao homem contemporâneo, e a forma que ele usou e usa para ter esse domínio é o conhecimento através da linguagem.

Ao fazer uso desta, o homem procurou explicar algo que lhe é próprio, isto é, o que faz parte de seu mundo. É neste processo de interação que o homem produz a língua oral, não por meio de exercício especulativo, mas por exigência e sobrevivência.

Os sons, gestos, ritmos, entonações, caracterizam as primeiras tentativas na produção da linguagem humana. Essas ações humanas foram ganhando sentido no decorrer das atividades que o homem desempenhava em busca de sobrevivência: caçar, plantar, pescar, colher, lutar.

Fischer acredita que as primeiras tentativas na produção da linguagem foram diferenciando-se em sua totalidade, isto é, a linguagem foi adquirindo identidade própria em cada circunstância. Acredita-se que a língua oral é resultado de uma interação entre homem/mundo, mas não é desenvolvida por um indivíduo isolado e sim na coletividade. O referido autor afirma que: *É em grupo que o homem conhece a natureza e aprende a dominá-la e apropriar-se dela (...) produz bens sociais, bens econômicos, bens culturais indispensáveis à sua evolução de existência.* (Fischer in MOLL, 1996:63)

Kato (1986) in Moll postula em seus estudos que a gênese da linguagem oral é de natureza estritamente biológica, portanto, é imprescindível à aprendizagem da fala, mas concorda que sem a experiência, isto é, a troca, a interação social, não se realiza e nem se desenvolve. Deste modo a linguagem possibilita a organização das vivências individuais e

coletivas, construindo assim histórias e identidades. Nesta perspectiva a língua serve como mediadora entre culturas diversas, permitindo às pessoas o olhar para si mesmas, para o outro e para o mundo.

No processo de comunicação tanto entre homem X homem ou homem X mundo, surgem as necessidades sócio-econômicas do contexto e então o ser humano aprende a comunicar seus sentimentos. Diante dessa necessidade surge a escrita, que ocupa a função de guardar os fatos, as idéias e descobertas, e isso permite ao homem registrar sua própria história.

Cagliari (1989) define a escrita como uma maneira de representar a memória coletiva, religiosa, científica, política e cultural dos povos. Segundo Barbosa (1990) o sistema da escrita, tal como o conhecimento hoje, tem seus antecedentes na pintura enquanto linguagem:

A pintura era inicialmente dirigida por um impulso estético. À medida que os desenhos passam a transmitir, a comunicar fatos e idéias, os aspectos artísticos deixam de ser os mais relevantes (...) estas passam a ser utilizadas como símbolos, como auxílio para identificar uma pessoa ou coisa. (Barbosa in MOLL, 1996: 64)

Sabe-se que no princípio os desenhos não tinham nenhuma relação com a fala, mas com o que o homem tentava representar. Essa etapa descritiva dá origem à escrita mnemônica ou pictográfica, na qual o desenho representa o mesmo objeto ou ser, que gradativamente socializavam e tornavam-se símbolos com significados tanto social como coletivo, passando à escrita ideológica. (...) *um desenho do sol significa "sol", mas também pode significar "brilhante", "branco" ou "dia". A mesma representação assume significados ainda dissociados do idioma da fala oral. (Barbosa in Moll, 1996: 65)*

Com a evolução da escrita ideográfica isso passou a não corresponder às necessidades dos povos, de forma que as características mais importantes foram perdendo esse valor, isso tornou-se uma simples convenção da escrita, por volta de 3150 a 300 a.C. foram encontrados os primeiros registros ideográficos.

O comércio que baseava-se no transporte de mercadorias do campo para as cidades, sofreu uma grande expansão e conseqüentemente isso exigiu um registro exato das mercadorias, dos transportadores e dos consumidores. Então, surgem as primeiras formas de fonetização da escrita, relacionando o som à escrita, ou seja, ao objeto desenhado, denominada escrita logográfica, por exemplo, a palavra soldado que era representada dessa

forma (☼ + □) = soldado.

A fonetização desenvolveu-se rapidamente em direção à escrita silábica, surgindo então valores sonoros convencionais e estáveis, estabelecendo-se correspondência entre signos, palavras e sentidos. Segundo Barbosa (idem) o alfabeto conquistou a civilização e espalhou-se pelo planeta.

Callou (1999) coloca que é comum ao falarmos em linguagem ter como ponto de referência a língua escrita. Isto porque muitas vezes o estudo dessa faculdade humana, fica reduzida ao estabelecimento das regras do bem escrever, das quais derivam as regras do bem falar.

Nesta mesma concepção está a visão de Bagno, quando ele afirma que, para a maioria dos professores falar “bem” significa saber e dominar as regras gramaticais, o que diverge da posição dos gramáticos, pois para eles *A gramática é instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua.* (BAGNO, 1999: 62)

O referido autor complementa que: *as gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como regras e padrões as manifestações linguísticas exaltadas pelos escritores considerados dignos de admiração.* Isto significa dizer que a gramática assegura o poder, o domínio da escrita e serve como um elemento de distinção social por parte da classe superior sobre a classe inferior.

Sabemos que as habilidades comunicativas da criança podem variar de acordo com as características e dos grupos sociais a que elas pertencem. Para Terzi, *a criança que vem de um ambiente em eventos de letramento resultam em maior sucesso no desenvolvimento inicial da leitura e conseqüentemente maior sucesso nas primeiras séries escolares.* (Terzi, in KLEIMAN, 1995: 93)

Nota-se que a exposição constante da criança ao mundo da escrita, faz com que ela estabeleça a relação entre a língua oral e a escrita. Entendemos que o conhecimento que a criança adquire muito antes de vir para a escola, sem dúvida contribui para uma maior facilidade em compreender as atividades propostas pela escola, o que resulta em maior sucesso no processo ensino aprendizagem.

Segundo Cagliari uma criança aos sete anos de idade que entra na escola para se alfabetizar já se encontra apta para falar perfeitamente a língua materna, com desembaraço e precisão, nas mais diversas circunstâncias de sua vida. Ainda nesta mesma concepção, Garcia afirma que:

(...) Quando uma criança entra na escola, já domina a língua falada, aprendida na convivência da comunidade em que nasceu. A variedade da língua que a criança pobre usa é tão complexa como qualquer outra, com regras precisas. O que ela desconhece é a forma ortográfica das palavras que cabe à escola ensinar. (Garcia in MOLL, 1996: 43)

Para a concepção Vygotskiana, o desenvolvimento é fruto de uma grande influência das experiências do indivíduo. Mas cada um dá significado particular a essas vivências. O jeito de cada um aprender o mundo é individual. Neste sentido o autor afirma que *o ser humano tem o potencial de andar ereto, articular sons, conquistar modos de pensar baseado em conceitos. Mas isso resulta dos aprendizados que tiver ao longo da vivência dentro de seu grupo cultural.* (NOVA ESCOLA, Jan/Fev: 23)

Entendemos que a alfabetização é o momento crucial na vida da criança e um dos maiores problemas que assustam os professores nessa fase é o conhecimento da “língua”, isto acontece muitas vezes pelo fato de que os professores desconhecem alguns conceitos básicos sobre a estrutura da língua referente a relação entre sons, letras da língua escrita, isto é, as diferentes maneiras existentes de pronunciar as palavras e que podem afetar a aprendizagem da língua escrita, tendo em vista que o desenvolvimento da língua escrita e oral influenciam-se mutuamente.

Lemle (1997) diz que quando a criança inicia sua vida escolar, ela não compreende que os risquinhos pretos em uma página de papel em branco, significam símbolos dos sons da fala. Esses saberes e distinções proporcionam ao aluno desenvolver-se com mais habilidades no ato da língua escrita e falada. Ele afirma também que uma criança que ainda não consegue diferenciar a relação simbólica entre dois objetos, não consegue aprender a ler. Neste sentido sua vida escolar depende da qualidade de ensino no período de alfabetização.

Diante dessa concepção é importante que o professor de alfabetização desenvolva seu trabalho na perspectiva da lingüística, para que possa ir além das preocupações gráficas, pois aprender a ler e escrever não é simplesmente decodificar ou codificar o nome dos objetos, de animais ou pessoas, este processo é muito mais complexo.

Ao iniciar o processo de alfabetização vemos a necessidade do aluno perceber a escrita como sendo uma possível representação da fala. Silva (1991) afirma que até que uma criança descubra que cada letra de uma palavra corresponde ao som da palavra é uma longa distância. Na concepção de Lemle a criança passa por três fases:

- a) compreender a ligação simbólica entre letras e sons da fala;
- b) a distinção entre letras;
- c) capacidade de identificar as relações da língua. É nesse período que a criança vai observar o significado dos sinais gráficos e sentir que ler é dar sentido a partir da linguagem escrita e sem dificuldades atingirá a fase da produção.

Para Callou alfabetizar não resume apenas em ensinar o código escrito, mas o seu funcionamento e sua estrutura, que são duas metas simultâneas nesse processo dinâmico, só assim o aluno será capaz de ler e escrever porque encontra na leitura a linguagem que usa diariamente.

Ao tratar das relações entre investigações dialectológicas e o ensino da língua materna, Rona (1965, in CALLOU) considera que o professor não é bem sucedido muitas vezes na sua tarefa didática, por não possuir preparação lingüística suficiente para compreender em que consistem os fenômenos dialetais com que se depara, como:

- a) diferenças fonéticas (no modo de pronunciar os sons da língua);
- b) diferenças sintáticas (modo de organizar as frases);
- c) diferenças lexicais (modos de pronúncias diferentes, mas que significam a mesma coisa;
- d) diferenças semânticas;
- e) diferenças no uso da língua;

São essas diferenças que levam o preconceito de que as pessoas sem instrução falam tudo errado e baseiam-se na crença de que existe uma língua portuguesa digna de ser ensinada nas escolas, nas gramáticas, etc. Para a elite qualquer manifestação lingüística que não se encontra nessa concepção preconceituosa é considerada “errada”, “deficiente” e não é raro ouvirmos que isso não é português.

Segundo Possenti (2000), não existe uma língua que seja uniforme, assim sendo toda e qualquer língua tem variações, não existe nenhuma sociedade na qual falem da mesma forma.

Outro fator que influencia é a diferença de classes, se a criança convive no dia-a-dia com pessoas iletradas costuma escrever da mesma maneira como se fala em sua língua materna, pois quando o indivíduo não tem oportunidade de frequentar uma sala de aula, a língua culta para ele é como se fosse uma língua estrangeira. Também pode ser que a dificuldade que a criança encontra para pronunciar as palavras venha de uma falha física-articulatória e que muitas vezes são resolvidas com uma terapia fonoaudiológica.

Para Bagno o ensino tradicional interrompe o fluxo natural da expressão e da comunicação com atitudes incorretas e muitas vezes punitivas, cuja consequência inevitável é a criação de um sentimento de incapacidade e incompetência. Na concepção dele o professor deve desenvolver seu trabalho de alfabetização com base lingüística, dessa forma seu alunado terá liberdade para expressar-se livremente, sem se preocupar com uma forma diferente de fala e escrita que não esteja presente no seu dia-a-dia.

Segundo MOLL (1996) a escola como espaço pedagógico de construção de conhecimento, deve ser conhecedora de que é a partir dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula, circunstanciados com as experiências de vida dos alunos que possibilita o aprender, pois ao trabalhar os seus saberes extra-escolares, a escola estará contribuindo para a apropriação dos saberes intra-escolares. Ela coloca ainda que na parte pedagógica o principal é recolher tudo que o aluno enxerga e trazer para a sala de aula e aproveitar para enriquecer as aulas, pois não se pode deixar só no conhecimento popular, é preciso ir além.

Para Emilia Ferreiro (1995) a escrita pode ser concebida de duas formas muito diferentes e conforme o modo de considerá-la as consequências pedagógicas mudam drasticamente. A escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras.

Com base nas teorias expostas faremos a análise do material que elegemos como corpus para este ensaio monográfico.

O CONFRONTO: TEORIA X PRÁTICA

O desenvolvimento do ser humano é visto sobre diferentes prismas. Os inatistas consideram que as pessoas já nascem com características pré-estabelecidas como a inteligência e o estado emocional. Já os empiristas acreditam que as pessoas nascem como um copo vazio, ou seja, sem nenhum conhecimento internalizado e de acordo com as experiências às quais são submetidos é que adquirem conhecimentos. Porém o estudioso Vygotsky, em sua época, posiciona-se contra essas teorias e cria outra teoria dizendo que o indivíduo não nasce pronto e nem é cópia do ambiente externo. Segundo ele o homem em sua relação intelectual vive uma interação constante e ininterrupta entre os processos internos e influencia do mundo social.

No que se refere ao meio social Kleiman concorda com Vygotsky, pois segundo ela inicialmente o processo da escrita é o processamento de letramento da criança, por um lado é dependente do grau de letramento dos pais, ou das instituições sociais em que a criança está inserida, pois o percurso da criança nesse período de alfabetização não é individual, isto é, independente do contexto, para tanto é fundamental que o professor respeite a historicidade do aluno.

Sabemos que na maioria das vezes a teoria nem sempre corresponde à prática. E é com base nessa concepção que estaremos analisando as respostas dadas pelas professoras aos questionamentos levantados.

Em relação à pergunta: — *Na sua opinião a oralidade interfere na escrita da criança na fase da alfabetização?*, a professora A entende que é natural as crianças relacionarem a escrita à fala. Isto podemos confirmar no trecho:

No início do processo da alfabetização percebo que é comum as crianças representar através da escrita sua fala oral, no entanto, conforme vão socializando-se com os textos escritos, vão assimilando as diferenças entre a fala e a escrita, ou seja, que nem sempre escrevemos como falamos. (Professora A)

Analizando a afirmação percebe-se que a professora mesmo sem ter formação acadêmica, desenvolve seu trabalho valorizando a vivência do *Aprendiz Nativo*, isto é, conforme julga estar correto. De acordo com Callou o mesmo *não está confundindo sons, ou ouvindo mal, está sim reproduzindo na escrita uma representação fonológica que tem internalizada em sua mente*. (CALLOU, 1999: 115)

Na concepção da referida autora, alfabetizar não é apenas ensinar o código escrito, a mecânica da escrita, pois o funcionamento e a estrutura da língua são metas simultâneas, que se pretende atingir no processo dinâmico que é a alfabetização. O aluno só é capaz de ler e escrever porque encontra na leitura e na escrita a linguagem que usa diariamente.

Ainda referente à pergunta anterior, a professora A diz sobre a importância de trabalhar com textos, pois na concepção dela a criança terá mais oportunidades de desenvolver a aprendizagem. Diante da opinião da professora A percebe-se que o processo do bê – a – bá, é um exercício de reprodução mecânica e isto está totalmente fora de sua prática pedagógica. Isto podemos confirmar no trecho: *Isso (alfabetização) é um processo. É importante termos consciência disso para oferecer diferentes textos ampliando-lhes oportunidades de desenvolver sua aprendizagem*.

Notamos um fato interessante: foi a coincidência entre as concepções das professora A e B, na resposta da questão nº 01. A professora A também concorda que há interferência da oralidade na escrita, e acredita ela que na maioria das vezes isso acontece só no período da alfabetização. Ela afirma ainda que a troca das letras, ou seja, a substituição vai sendo corrigida no decorrer da aprendizagem. *A tendência é escrever como fala. Isso na maioria das vezes só acontece no início, pois no decorrer de sua aprendizagem a criança vai aprimorando sua escrita. Ex.: troca o por u: tomate – tumate*. Conforme as palavras de Moll:

Quando alguém se alfabetiza, percorre uma trajetória à qual é dado o nome de psicogênese da alfabetização. A psicogênese se caracteriza, neste caso, por uma sequência de níveis de concepção dos sujeitos que aprendam. Esses níveis são ligados a uma hierarquia de procedimentos, de noções e de representações determinada pelas propriedades das relações e das operações em jogo. (Moll, 1996: 107)

A professora C, acredita que a criança nem sempre escreve o que fala ou o que ouve. Para ela a criança procura representar na escrita o que está ao seu meio. Ela acredita que há interferência no aprendizado, quando a criança tem dificuldades para assimilar as diferenças

fonéticas. Segundo ela a criança pode retratar a questão do meio social e também problemas físicos articulatórios. Ex.: A aluna X é fanhosa, ao pronunciar tem uma certa dificuldade, porém a escrita é correta. O relato da professora C evidencia que os problemas físicos não são barreiras para aqueles que querem alcançar seus objetivos.

Em relação à pergunta nº 02: — *Como você trabalha a escrita na fase da alfabetização?*, a professora A coloca que trabalha com produções de textos orais, escritos, individuais e coletivos, a partir da realidade do aluno, e que ao avaliar o texto o professor deve valorizar a coerência e não os erros ortográficos.

Segundo Kleiman o texto é resultado de um contexto de situação e de cultura, isto é, corresponde à história do aluno com toda uma bagagem que traz consigo e que integram-se no ambiente cultural total.

Através da fala da professora B percebe-se que a mesma não deixou clara sua prática pedagógica de como desenvolve o processo da escrita, se é através de textos ou pelo método tradicional, isto é, processo silábico. Vale ressaltar que independentemente de sua prática pedagógica, ela procura trabalhar paralelamente a escrita e a leitura, isto é, ambas são desenvolvidas de forma que o aluno não contraia dificuldades, tanto na escrita como na leitura. Na visão da referida professora *a escrita surge junto com a leitura, a partir do momento em que o aluno começa a perceber a leitura, ele começa a escrever*. Sobre a prática pedagógica apresentada pela professora no que se refere à escrita, Cagliari afirma que:

Uma criança que aprende a ler toma velocidade no aprendizado da primeira série. Um aluno que não lê, aprenderá o texto com dificuldade, e pode passar a ter uma relação delicada com a escrita, não entendendo muito bem o que isto é, nem como funciona. (Cagliari, 1997: 169)

Em relação à questão anterior, a professora C afirma com convicção que o método utilizado por ela ainda é tradicional, pois utiliza o sistema silábico, porém a mesma vê a necessidade de inovar esta metodologia, pois a clientela com que trabalha exige. Isso podemos comprovar quando ela afirma:

Tenho que admitir que sou ainda tradicional na escrita, pois trabalho a escrita através do sistema silábico, usando palavras soltas, fora do contexto social do aluno. Apesar de utilizar essa prática pedagógica venho a anos ansiosa tentando mudar meu método de trabalho, pois através de várias leituras e até mesmo do comportamento inquieto dos alunos na sala, é que percebi esta necessidade. (Professora C)

Em relação à pergunta nº 03: — *Na sua opinião o meio social interfere no ensino da aprendizagem da criança? Justifique.*, na concepção da professora A, o meio interfere na aprendizagem da criança, mas ela se contradiz ao justificar sua resposta:

Não, no entanto o professor deve ser consciente de que ele trabalha com crianças de diferentes meios sociais que vivem realidades sócio-econômico-cultural diferenciados, para que possa orientar e desenvolver adequando metodologia que atendam às diferenças individuais do seu alunado. (Professora A)

Percebemos que a professora “oscila” quando fala que o meio não interfere no ensino aprendizagem da criança, pois seu argumento prova o contrário e isso ficou bem claro em seu relato.

A professora B acredita que o meio social desempenha um papel muito importante na vida escolar da criança. Para ela o ambiente pode tornar um motivador, o que leva a criança tomar gosto pelos estudos, ela acrescenta ainda que o ambiente pode não estimular e fazer com que a criança desenvolva-se lentamente, pois falta-lhe o apoio e também o contato com o mundo da escrita.

Se a criança desde cedo tem contato com o mundo da escrita, com certeza as crianças desse meio terão mais facilidade para construir seu conhecimento sobre leitura. E se a criança conviver com pessoas que geralmente não lêem, ou seja, não se interessam pelo mundo da escrita, elas podem ter dificuldades na construção do conhecimento, pois estas se deparam com uma realidade que lhe é estranha.. (Professora B)

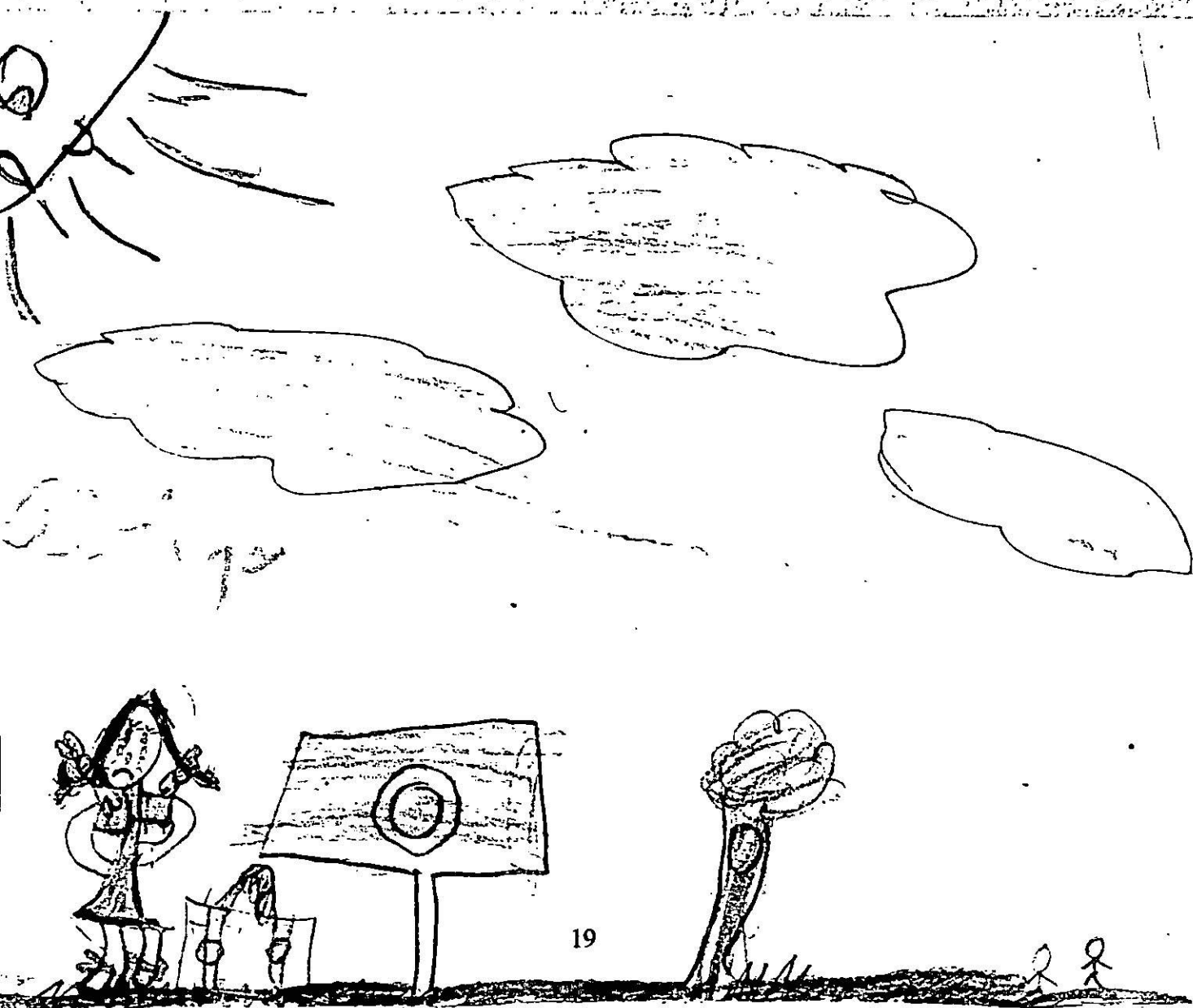
A professora C em resposta à questão nº 03 disse que o meio social interfere na aprendizagem da criança. Conforme podemos comprovar no trecho:

Percebo que a aluna X por ficar muito quieta na sala e tendo dificuldades de socializar-se com os demais colegas, acredito que esse bloqueio está ligado à carência afetiva de sua família, isso devido à falta da presença do pai e da mãe, apesar de morar com a mãe percebo que nas reuniões pedagógicas há sempre a presença da avó. Creio que esse fato a deixa afastada, como se ela fosse odiada por alguém, ou que ela não fosse bem vinda à vida. O reflexo disso é visto na dificuldade que ela tem em desenvolver atividades coletivas. (Professora C)

Sobre a prática trabalhada pela professora C, Emília Ferreiro diz que: *Restituir à escrita seu caráter social é tarefa muito grande que, por si só, cria uma ruptura com as práticas e as competências didáticas tradicionais.* (FERREIRO, 1987: 11)

A professora C fez um trabalho de produção textual com seus alunos o qual aconteceu a partir de uma música infantil intitulada *A CASA de Vinicius de Moraes*. Segundo a professora alguns alunos preferiram produzir seus textos em forma de desenhos. Sabemos que cada texto possui suas características próprias, mesmo sendo produzido a partir do mesmo contexto.

Essas mudanças ocorrem nos diferentes sujeitos, pois cada um faz um tipo de leitura, que pode estar ligado ao seu universo cultural, isto é, a partir de nossa compreensão de mundo, é o que visualizamos nos textos. Podemos tomar por base o texto 01:



Analisando o texto acima percebemos que a criança consegue retratar na escrita “pictográfica” a mensagem ouvida. Vemos através das lágrimas, que esta criança fez uma leitura muito profunda da música, pois ela deixa aflorar seus sentimentos emocionais. Em conversa com a autora, descobrimos que a palavra *CASA* para ela significa abrigo e que a mesma mora com seus pais que são muito unidos, numa casa alugada. Ela explicou ainda que, o buraco na árvore representa a casa do passarinho que já tem a casa pronta na natureza, mas a menina desenhada chora porque não tem o lugar para morar. Vemos através deste relato que o sujeito se insere no texto.



No texto nº 02 percebemos que a criança não consegue retratar no desenho a mensagem da música, vemos através da casa que ela não conseguiu assimilar realmente o que dizia a música, pelo fato que na letra fala de uma casa que não existe. Em conversa com a autora descobrimos que a palavra *CASA* para esta criança significa *FAMÍLIA*, sendo que a mesma não tem a presença paterna e sim mora com a mãe e tios. Podemos perceber que a criança através da ilustração expressa todo um conflito interior, isto está claro na falta de afetividade da figura paterna, pois fica evidente a sua tristeza estampada no desenho das nuvens. Ainda observando o desenho percebe-se que a mesma ao desenhar o coração, que significa o símbolo do amor, coloca os seus pais unidos, dessa forma declara que sua esperança é ver seus pais unidos no futuro. Ainda fica evidente que para a criança ter uma casa não é o mais importante.

Segundo Vygotsky a criança libera sua memória através do desenho, ela o faz da mesma forma da fala, contando uma história. O desenho então constitui-se numa linguagem gráfica, tendo por base a linguagem verbal. Tanto que a porta entreaberta sobre o coração pode sugerir-nos que seu coração está com janelas e portas abertas esperando pelo pai.

Com essa leitura podemos dizer que a criança só sentirá prazer em fazer o que ela já conhece, isto está expresso no desenho, no qual ela retrata a sua vivência. Podemos acreditar que não tem somente um método específico para trabalhar com alfabetização, pois conforme vimos pelas expressões das professoras entrevistadas, que poderíamos partir dos dados para trabalhar oralidade e também a escrita, dado que cada um tem uma história e o professor deve partir dessa realidade, pois o que o mesmo pretende alcançar será interessante também para o aluno.

Os textos escritos (anexos, são de crianças de faixa etária e classe social diferentes. Após a análise dos mesmos constatamos que a oralidade interfere nas produções das crianças e como vimos, o processo de aquisição da escrita é muito complexo, por isso o professor deve procurar mecanismos para que isso aconteça de maneira menos dolorosa possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da pesquisa verificamos que o processo de alfabetização inclui muitos fatores e diante disto, quanto mais ciente estiver o professor sobre o desenvolvimento da criança maior será o progresso desta, na aquisição do conhecimento.

Voltando à inquietação que originou este trabalho, constatamos que apesar de alguns professores ainda desempenharem suas práticas pedagógicas voltados para o método tradicional, mas reconhecem que a oralidade interfere na escrita e que a historicidade do aluno deve ser valorizada.

Percebemos também a preocupação de todos os professores entrevistados quanto a necessidade de mudanças em suas metodologias para poder atender melhor aos anseios dos alunos.

Vemos a preocupação destes profissionais com otimismo, pois diante do processo evolutivo que estamos vivendo é de fundamental importância que o professor conheça um pouco melhor a escola na sua relação com a sociedade, pois seu espaço de trabalho não se restringe somente à sala de aula.

Entendemos que o professor deve respeitar a identidade sócio-cultural do aluno, deverá estar sempre atento para evitar os preconceitos lingüísticos em sala, não reforçar a noção de “certo” e “errado” na fala do aluno, mas, ao contrário mostrar-lhes que há formas diferentes da pronúncia e que isso depende das situações de comunicação, sua origem e principalmente da classe social que pertence o falante.

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, Marcos. *Novela Sociolingüística*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2000.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística*. 10 ed. São Paulo: Scipione, 1997.

CALLOU, Dinah. *Iniciação à fonética e à fonologia* / Dinah Callou, Yonne Leite. – 6. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. 24 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de Leitura*. Teoria e Prática. 6 ed. São Paulo – Campinas: Pontes, 1998.

LEMLE, Miriam. *Guia Teórico da Alfabetização*. 12 ed. São Paulo: Ática, 1997.

MOLL, Jaqueline. *Alfabetização possível*. Reinventando o Ensinar e o Aprender. Porto Alegre: Mediação, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. 4 ed. Coleção passando a limpo. São Paulo: Cortez, 1999.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

REVISTA NOVA ESCOLA. Ano XV - nº 139 – Janeiro/Fevereiro de 2001 – Editora Abril.

REVISTA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL. *Criança*. Nº 26 – Editora Gráficos Bloch, 1994.

ROJO, Roscane (ORG.) *Alfabetização e letramento*. Perspectivas lingüísticas. S. P. Campinas: Mercado Letras, 1998.

TEBEROSKY, Ana. TOICHINSKY, Liliane. *Além da alfabetização*. São Paulo: Ática, 1997.

ANEXOS

ENTREVISTAS

PROFESSORA A:

1) — Na sua opinião a oralidade interfere na escrita da criança, na fase da alfabetização?

R: No início do processo da alfabetização percebo que é comum as crianças representar através da escrita sua fala oral, no entanto conforme vão socializando-se com os textos escritos, vão assimilando as diferenças entre a fala e a escrita, ou seja, que nem sempre escrevemos como falamos. Isso é um processo. E é importante termos consciência disto, para oferecer-lhes diferentes textos, ampliando-lhes oportunidades de desenvolver sua aprendizagem.

2) — Como você trabalha a escrita na fase da alfabetização?

R: Socializando diferentes textos e trabalhando a partir da realidade deles, motivando-os a produzir textos orais, escritos, individuais e coletivos e uso os mesmos para promover aquisição da escrita, na linguagem formal valorizando mais a coerência e não os erros ortográficos.

3) — Na sua opinião o meio social interfere na aprendizagem da criança?

R: Não, no entanto o professor deve ser consciente de que trabalha com crianças de diferentes meios sociais, que vivem realidade sócio-econômico-cultural diferenciadas, para que possa orientar e desenvolver adequando metodologias que atendam as diferenças individuais do seu alunado. Para que eles possam avançar no processo de ensino aprendizagem com sucesso.

PROFESSORA B:

- 1) — Na sua opinião a oralidade interfere na escrita da criança, na fase da alfabetização?

R: Na minha opinião a oralidade interfere na escrita quando a criança começa a construir seu conhecimento sobre a escrita, ela ao escrever tem a tendência de escrever como fala.

Ex.: ela troca o por u: tomate – tumate. Isso só acontece no início, pois no decorrer de sua aprendizagem a criança vai aprimorando sua escrita.

- 2 — Como você trabalha a escrita na fase da alfabetização?

R: Eu procuro trabalhar a escrita incentivando o aluno a perceber que tudo que pensamos pode ser escrito. A escrita surge junto com a leitura, a partir daí o aluno começa a perceber a leitura e conseqüentemente o processo da escrita.

- 3 — Na sua opinião o meio social interfere na aprendizagem da criança?

R: Sim, se a criança desde cedo tem contato com o mundo da escrita, com certeza as crianças desse meio terão mais facilidade para construir seu conhecimento sobre leitura. E se a criança conviver com pessoas que geralmente não lêem, ou seja, não se interessam pelo mundo da escrita, elas podem ter dificuldades na construção do conhecimento, pois estas se deparam com uma realidade que lhe é estranha. Mas tem casos em que a criança vive num ambiente onde os pais são analfabetos e a criança desenvolve muito bem. E casos em que os pais são alfabetizados, possui um certo conhecimento da escrita, e no entanto a criança tem dificuldade para desenvolver. Essa é uma questão muito complexa.

Ex.: na minha prática pedagógica como professora, já tive casos parecidos. Os pais eram analfabetos, moradores da zona rural, os quais não tinham acesso a materiais escritos, mesmo assim, elas conseguiram desenvolver a leitura e a escrita no primeiro semestre. Na mesma escola tive ainda alunos, de pais alfabetizados, que tiveram dificuldades para desenvolver o processo da leitura e da escrita e o seu desenvolvimento era muito lento.

PROFESSORA C:

- 1) — Na sua opinião a oralidade interfere na escrita da criança, na fase da alfabetização?

R: Não. Porque nem sempre escreve o que fala, ou o que ouve falar, ela procura representar na escrita o que está ligado ao seu interesse. Isto é, a interferência quando a criança não consegue assimilar as diferenças fonéticas. Ex.: Certa aluna é fanhosa, não consegue pronunciar as palavras corretamente, no entanto sua escrita é correta.

- 2) — Como você trabalha a escrita na fase da alfabetização?

R: Tenho que admitir que sou ainda tradicional na escrita, pois trabalho a escrita através do sistema silábico, usando palavras soltas, fora do contexto social do aluno. Apesar de utilizar essa prática pedagógica venho há anos ansiosa tentando mudar meu método de trabalho, pois através de várias leituras e até mesmo do comportamento inquieto dos alunos em sala de aula é que percebi essa necessidade.

- 3) — Na sua opinião o meio social interfere na aprendizagem da criança?

R: Sim, porque é onde o aluno adquire sua bagagem de conhecimento de mundo. Ex.: percebo que a aluna X por ficar muito quieta na sala e tendo dificuldades de socializar-se com os demais colegas, acredito que esse bloqueio está ligado à carência afetiva de sua família, isso devido à falta da presença do pai e da mãe, apesar de morar com a mãe percebo que nas reuniões pedagógicas há sempre a presença da avó. Creio que esse fato a deixa afastada como se ela fosse odiada por alguém, ou que ela não fosse bem vinda à vida. O reflexo disso é visto na dificuldade que ela tem em desenvolver atividades coletivas.

Nome: Kalla

Dia do Índio (13 de abril)
 Solte sua imaginação e produza um
 lindo texto.

Era uma vez um índio estava
 andando de presa para casa
 tinha ele pegou um deão e
 ele morava em uma cabana de um rio
 Ele costumava reger a noite pegar
 os índios ele estava com flecha
 e ele pois ele pegou uma índia
 e matou que índio morou
 ele colocou pena na cabeça
 e andava de presa para presa
 e ele pegou uma pena
 e ele andava no mato
 e ele pegou uma
 e ele pegou de mato
 e ele pegou de mato
 e ele pegou de mato

Ricardo

uma vez um cachorro chorando
tão, ele tinha um osso na boca
e resolveu dormir com o osso
e apareceu um cachorro novo
e deu nome ao DU QUE É, TÔ TÔ

então perguntando, quem é você
que você faz aqui?
QUE Rapaz o osso do TÔ TÔ.
QUE saiu correndo com o osso
TÔ TÔ na boca.

TÔ TÔ saiu correndo tanto
e o osso caiu num buraco
e os dois ficaram desesperados
chamando pelo o buraco querendo
isso de volta.

FIM!

autor Ricardo

Amor
O piton feio
Era uma cobra gata o
gerda e simpática que
tinha construído
seu ninho escondido
na grama. nele havia
três ovos a chocar.
um dia coabrisse

era ummaia. Aho fez acaga de polera

guto fez acaga de talva

puta fez acaga de tyalos

modiva de luata. Negro v lobo

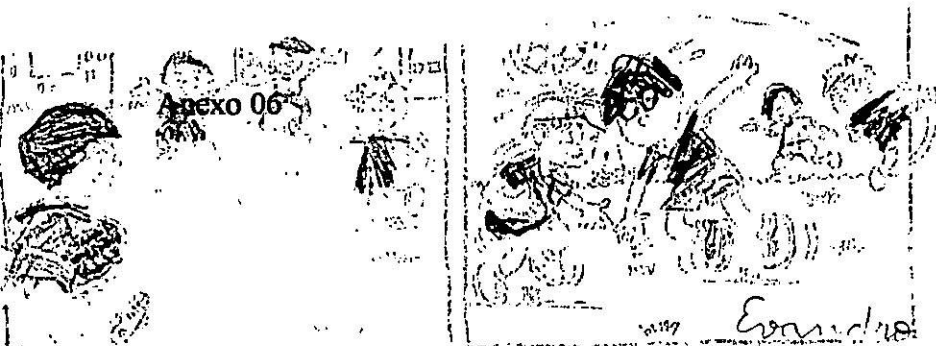
lolo n' r pocio l corlu a teraa do pocio
para tu

natalia

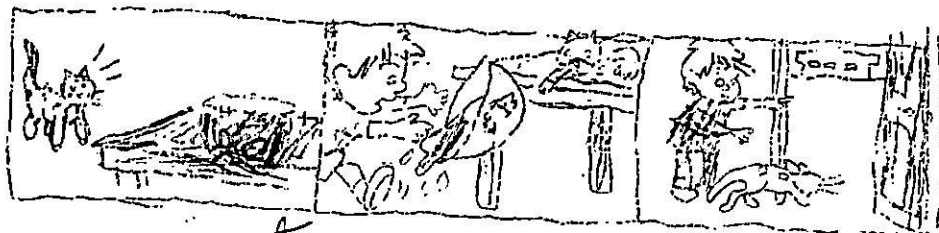
uma vez, três rapazes. Depois por
alguma coisa de família. Então por uma
coisa de malícia, entre os meus
coisas e filhos. E este não está na
partida. E rapidamente me deu a
sua dimensão de coisa. Então para
o lado das outras parquias
e este foi outra rapariga
e a coisa de malícia
coisa e parquias com para
coisas de outras parquias e este
por a coisa e este rapariga
e este com a coisa e este
e este simétrico para o
claramente os parquias
por logo e este logo e este

na vez três porquinho que um fez
casa de palha outra fez uma
estrela preta e fez sua casa de tijolo
no dia o lobo mas apareceu assustado
também correu para a sua casa só que
aconteceu o lobo rosnou lupo e saiu
foi e o porquinho correu na casa de tijolo
e bateu a mão na porta e falou porquinho
a brasa porta que não dá para rosnar
a rosnou e a casa de tijolo rosnou
e a casa de tijolo não saiu e o lobo de vez
uma e de chamine e pulou e apareceu
colou a água quente e o lobo pegou fogo

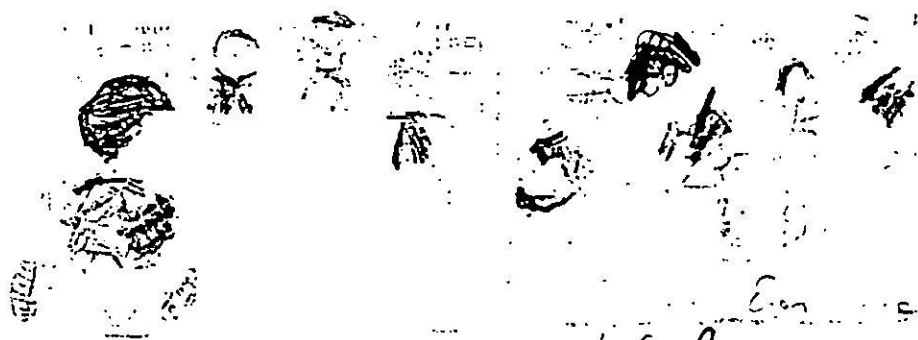
FABIANO
Sanaria de Souza



o menino jogou a bola
 toda a noite nas paredes da sala
 e o menino não
 saiu do quarto de dormir
 e o menino comeu a comida
 e o menino foi ao banheiro
 e o menino não foi ao banheiro



o menino jogou a bola
 e o menino não
 saiu do quarto de dormir
 e o menino comeu a comida
 e o menino foi ao banheiro
 e o menino não foi ao banheiro



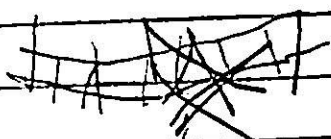
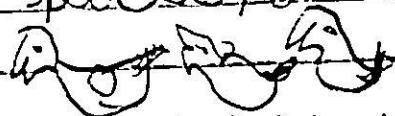
R. Comunação de bola
 toda a nota é feita de bola
 e de minúsculas
 a cada uma ficou de dez minutos
 os minutos com a tabela
 e cada um foi a procura
 de me no fim a hora de adição



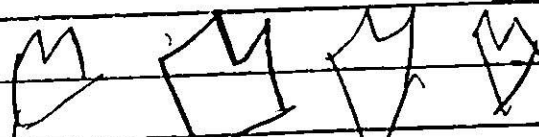
Comunação de bola
 ita a tabela de minúsculas
 e a tabela de minúsculas
 ficou de dez minutos
 e cada um foi a procura

segundo

o patinho feio



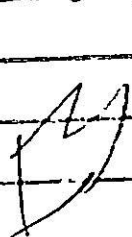
um dia depois



copiar o mapa da

em dia de hoje

o dia de hoje



fica

rebita o

patinho

branco

uma vez os 3 porquinho e o lobo
e uma casinha de palha e o lobo fez uma toca
e os tijolos e o lobo entrou na cabine
e saiu pagando fogo e nunca foi lá

Esse